

Adolfo de Mendonça Junior¹

Vozes e memórias de uma espírita da cidade de Franca-SP

As mulheres, por muito tempo, foram marginalizadas pela história. Os espaços destinados a elas eram ligados ao âmbito do lar, da família, dos filhos, enfim, daqueles que não eram ocupados pelos homens. Todavia podemos afirmar que estão deixando essa condição aos poucos, devido à sua luta. No entanto, apesar das relativas conquistas, as mulheres ainda são muito discriminadas e têm um longo caminho a seguir, em busca da igualdade de direitos. Até o século XIX, as mulheres não apareciam nos relatos históricos. No século XX, as mulheres foram incluídas como campo de estudo transformando-se em objeto e sujeito da história. É notável, na literatura histórica atual, o aparecimento de livros que têm como objeto a crescente participação das mulheres em todas as esferas de atividades na sociedade brasileira, bem como seus diferentes papéis.

No estudo da História do Espiritismo na cidade de Franca-SP, identificamos desde o início, a participação da mulher na construção da identidade espírita. Este trabalho apresenta alguns dos resultados de depoimentos concedidos por **Thermutes Lourenço**, professora de história aposentada, escritora, conferencista, evangelizadora e expoente do movimento espírita, sua trajetória como fundadora e primeira presidente da Mocidade Espírita de Franca e uma das organizadoras do “Encontro de Evangelizadores Espíritas de Franca”, encontro tradicional de formação de educadores e evangelizadores espíritas da cidade de Franca-SP. Thermutes é mulher de temperamento firme, fé inabalável e determinada. Ela estudou na Faculdade de Filosofia de Franca. Como escritora, com 84 anos de idade, está prestes a lançar “Projeto: Evangelho Segundo o Espiritismo”, vol.1 e vol.2, [no prelo], livros dedicados aos evangelizadores espíritas, com o uso da metodologia do “ouvir, ver, pensar e agir²”, e que ela pretende lançar sem fins lucrativos. Acreditamos ser este artigo, uma valiosa contribuição da importância da mulher na construção da identidade religiosa, a identidade espírita e a possibilidade do uso da História Oral na construção de uma nova fonte histórica.

A pesquisa é uma extensão de uma comunicação apresentada no GT “Movimentos sociais e memória”, do VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Na época, apresentamos o texto “*Narrativas escritas e orais da vida de*

¹ Professor de História da E.E. Dr. Orlik Luz (Franca-SP). Graduado em História pela UNESP-Franca, e especialista em “Leitura e produção de textos na interdisciplinaridade”, pela Universidade de Franca (UNIFRAN).

² Ela usa a leitura compartilhada.

um dos pioneiros da história do espiritismo em Franca-SP³”, onde foram analisados dados preliminares de traços da biografia de José Marques Garcia, um importante personagem da história do espiritismo em Franca-SP. Na ocasião, o texto representava:

Uma reflexão inicial, resultado da primeira entrevista realizada depois de uma pesquisa biográfica, relacionada com a história do espiritismo em Franca-SP. Apresentamos fragmentos dos depoimentos de uma pesquisa de história oral. A entrevista com Thermutes Lourenço, uma pessoa que conviveu com um importante personagem da história do espiritismo em Franca-SP, José Marques Garcia. Utilizando-nos da metodologia da história oral procuramos compreender os motivos pelos quais a cidade de Franca-SP, com uma população de 330 mil habitantes tem 7% de espíritas, com uma notável presença deles na cidade, seja nos nomes das ruas, ou na grande quantidade de instituições (80 centros espíritas). Sendo um dos maiores redutos espíritas do Brasil, de acordo com matéria publicada no jornal Comércio da Franca. (JUNIOR, 2009, p.2-3).

Depois de um exercício de observação, interpretação e compreensão dos depoimentos da referida entrevista, repeti a experiência metodológica, ou seja, tornei a entrevistar Thermutes Lourenço. Este artigo foi escrito a partir de três entrevistas, usando o método da História Oral. De certa maneira, esse texto é uma forma de “restituir” a fonte documental que foi produzida a partir dos testemunhos de minha colaboradora.

Na História Oral, especificamente – por ser tão ligada a contatos pessoais – a necessidade de aprender muitas vezes tem transcendido a paixão intelectual de acadêmicos sérios, de modo a incluir um senso de dever, como cidadãos, de que não são apenas estudantes de História, mas também agentes nela atuantes e por ela responsáveis (...) muitos de nós são motivados, ainda, por algo mais amplo do que nós mesmos: por uma comunidade, uma instituição, um movimento. É neste ponto que entra o conceito de restituição. Recebemos tanto de pessoas e comunidades que não sentiremos nosso trabalho concluído, enquanto não entregarmos seus resultados àqueles que foram responsáveis por viabilizá-lo (...) a restituição de objetos–fitas, transcrições, publicações – e sua disponibilidade em arquivos e museus não constituem, necessariamente, restituição à comunidade. (...) aquilo que realmente restituímos é uma oportunidade para as pessoas com quem conversamos organizarem seus conhecimentos com maior clareza (...). A

restituição não é neutra— sempre constitui uma intervenção, uma interferência na história cultural da comunidade. (...) O verdadeiro serviço que, acredito eu, prestamos a elas, a movimentos e a indivíduos, consiste em fazer com que sua voz seja ouvida, em levá-la para fora (...) em conseguir que seu discurso chegue a outras pessoas e comunidades. (PORTELLI, 1997, p. 30-31).

Com esse texto, pretendemos responder as seguintes indagações: como se constrói a identidade de um líder espírita? Como a professora Thermutes se tornou uma das principais lideranças espírita da cidade de Franca-SP?

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA ESPÍRITA

Um indivíduo aprende, constrói e representa sua identidade desde o nascimento, pois ele nasce em uma família, ou uma comunidade social já em andamento, constituído de valores, crenças e visões de mundo. A identidade nos dá a ideia de quem somos, como nos vemos e como os outros nos veem, como temos que nos apresentar e agir para sermos reconhecidos e aceitos. Somos seres incompletos, vivendo em constante busca por nossa identidade, portanto somos passíveis de mudança, podendo formar e transformar.

A identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 1999, p. 13).

A construção da identidade é um processo que acontece durante toda a vida do ser humano. A criança constrói a sua identidade, por meio da relação com o outro e da repetição; ao observar a mãe, o pai, os irmãos, professores e outros, ela identificará como cada um se comporta. Geralmente, imita a pessoa mais próxima, ou a qual, ela tenha muita admiração, e esta pessoa será referência e modelo para a constituição de sua própria identidade.

A cada experiência vivida, a cada problema enfrentado, o indivíduo vai construindo sua identidade. As condutas, as opiniões, os pontos de vista de hoje podem ser diferentes dos de amanhã. Isto porque o indivíduo vive num processo contínuo de construção de identidade, influenciando e sendo influenciado pelo meio em que vive. Ninguém age igual, da mesma forma, o tempo todo. Identidade pode ser vista tanto como o próprio eu de alguém ou a forma como alguém é visto por outros. Cada pessoa

pode ter mais de uma identidade, de acordo com as circunstâncias, sendo essas identidades definidas pela própria pessoa, pelo ambiente ou pelos desejos de outros. Construímos nossa identidade não só no momento em que atuamos, mas desde que começamos a observar o fazer do outro.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 2008, p.23).

A constituição da identidade religiosa espírita é marcada por seus princípios éticos e morais, contidos em “O Livro dos Espíritos⁴”, de Allan Kardec⁵, e em sua maneira de enxergar o mundo, sua concepção de vida após a morte, reencarnação e mediunidade, por exemplo. De acordo com o ponto de vista espírita, o sentido da vida é o amor, “Quem ama não adoce”. Para eles, a verdadeira felicidade é fazer o bem, perdoar. O homem é um semeador que colhe o que semeia. Os espíritas se identificam com as recomendações de Jesus: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. (João. 13: 31 a 35). “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João. 8: 32). Outra máxima que sintetiza o sentido da vida para os espíritas aparece no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo⁶”, uma mensagem do “Espírito da Verdade⁷”, “Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensinamento: instrui-vos, eis o segundo”.

⁴ O livro que iniciou o espiritismo, publicado na França em 1857, por Allan Kardec.

⁵ Pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Leon Denizard Rivail, o fundador do espiritismo, ou como dizem os espíritas, codificador do espiritismo. Kardec foi o responsável por organizar em uma série de livros, as mensagens que teriam sido “reveladas” pelos espíritos dos mortos. Essas mensagens constituem a chamada “Doutrina Espírita”, definida, ao mesmo tempo, como filosofia, ciência e religião.

⁶ Livro publicado por Allan Kardec, em 1864, livro dedicado a explicar as máximas de Jesus, sua concordância com o espiritismo e sua aplicação na vida.

⁷ “Espírito” que participou, juntamente com Allan Kardec, da codificação espírita. É apontado como um “espírito superior”, um “mensageiro” que coordenou o trabalho de codificação do espiritismo.

A INFLUÊNCIA DA MÃE DE THERMUTES LOURENÇO, NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE

Para entender melhor a construção da identidade de uma líder religiosa espírita, ou seja, a identidade de Thermutes Lourenço, procurei analisar as experiências pelas quais ela passou, através de suas lembranças e suas memórias. Para Sgarbi:

[...] nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se estas histórias são verdadeiras ou falsas, tanto a ficção, como a história verificável, nos provêm de uma identidade... (SGARBI, 2005, p.9).

A trajetória profissional e a militância espírita de Thermutes Lourenço são reveladoras das amplas possibilidades de aplicação da História Oral como metodologia de pesquisa. Ela é professora de História aposentada⁸, nasceu na cidade de Conquista-MG, quando perguntei a ela sobre a data de seu nascimento, obtive a seguinte resposta: “Não gosto de falar não [risos]. Esse negócio de ficar fazendo festa eu não gosto. Eu nasci no começo do ano, mas não é no mês de janeiro. Vivo quase cem anos já, não sei quanto tempo eu vivi⁹...”. Seu pai, José Fernandes Lourenço, era português, pedreiro e construtor. Ele era espírita desde que veio de Portugal. Sua mãe, Ana Lourenço Borges¹⁰, era mineira de Sacramento-MG, morava em uma pequena fazenda, muito católica, era “carregadeira de andor”¹¹. Após o casamento, sua mãe se converteu ao espiritismo. Thermutes era de família simples, teve oito irmãos. Quando a família mudou-se para Franca-SP, ela tinha apenas cinco anos de idade. Em Franca-SP, seu pai comprou uma pensão. No entanto, ele não se adaptou à cidade e quis voltar para Sacramento-MG. A mãe, uma mulher determinada, com nove filhos, resolveu ficar na cidade, para educar seus filhos. Ao falar de sua mãe, ela assim se expressou:

Por que aquela criatura ali [mostra a foto de sua mãe em um momento de muita emoção], apesar de nessa existência ela ter sido quase analfabeta, eu como professora, reconheço que ela

⁸ Formada em História pela Faculdade de Filosofia de Franca, turma de 1971.

⁹ Na terceira entrevista, consegui o que achava ser impossível, ela revelou a data de seu nascimento: 29 de março de 1927.

¹⁰ Thermutes, carinhosamente chama sua mãe de “Dona Sinhaninha”.

¹¹ Quando tinha uma procissão, cortejo religioso que é vivenciado em ocasiões marcantes da Igreja Católica, sua mãe transportava nos ombros, as imagens de santos tradicionais.

foi uma pedagoga extraordinária, ela criou nove filhos sem marido, porque o meu pai nos deixou e voltou para Sacramento [Minas Gerais], e ela não quis ir, porque ela pensava que aqui tinha escola para os filhos, então ela ficou e ele foi. Ela tentou trazer ele de volta porque ele não foi por causa de [outra] mulher, por causa de nada, mais ele não se adaptou aqui em Franca, meu pai é português, minha mãe é brasileira legítima de Sacramento, então a mãe nos criou dentro da Doutrina [Espírita], ela falava assim: “Se o Espiritismo é a melhor coisa da minha vida, porque não passar para os meus filhos? (JUNIOR, 2009, p. 7).

A professora Thermutes conta que sua mãe, apesar de pouco estudo, usava uma pedagogia, que segundo ela, é atualmente usada por profissionais da educação. Na medida em que narrava suas memórias, Thermutes revelava como estava sendo construída sua identidade.

[...] a história de vida do professor, seus relatos de experiência e o resgate de sua prática educativa podem contribuir na formação de sua identidade profissional, revelando seus valores e suas crenças, fazendo-o posicionar-se como ser humano, suscetível às mais complexas experiências com o público estudantil. A partir desses relatos, vêm à tona a reflexão sobre questões, como: O que essas experiências significaram em minha vida? Como me sentia na época em que vivia essas experiências? Que influências esses momentos tiveram em minhas escolhas profissionais? Minhas memórias em situação de ensino. (TEIXEIRA, 2002, p. 41).

Em suas memórias, percebemos a influência da pedagogia de sua mãe, a “leitura compartilhada”, na sua formação como professora, escritora, evangelizadora, fundadora e primeira presidente de um grupo de jovens espíritas da cidade de Franca-SP. Thermutes utiliza a metodologia do “ouvir, ver, pensar e agir” com o uso da “leitura compartilhada”.

*(...) eu sou a penúltima filha, oitava do casal, abaixo de mim só o Allan Kardec, meu irmão, e nós brigávamos muito é claro, toda criança briga. Mamãe falava assim “**Vai buscar o Evangelho**” a gente ia porque ela era brava mesmo. A gente chegava perto e ela falava “**Abre**”, a gente abria o livro por acaso, isso na pensão Santo Antônio, já sem o meu pai, ela falava “**bem alto que eu quero escutar**”. Aí é que eu falo a pedagogia dela, ela estava trabalhando na cozinha junto com os empregados da pensão, e*

*se eu, por exemplo, eu me lembro de mim mas, não sei se com o Kardec foi do mesmo jeito, mais as vezes eu estava com uma raiva dele, uma vontade de esganar ele e tinha que ler aquela lição de amor do Evangelho, a gente começava a reclamar e ela gritava de lá **“mais alto, não estou escutando”**, então **isso aí agora a pedagogia ensina a leitura pela própria criança**, e não tinha jeito de tapear ela. (JUNIOR, 2009, p. 9, grifo nosso).*

Qual a importância do ato de ler? Aprender a ler, a escrever é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo. A leitura chegou cedo na vida de Thermutes. A mãe “pedagoga”, preparou os filhos para a educação convencional. Nesse depoimento, Thermutes, revela a importância de sua mãe, uma personagem esquecida pela história do espiritismo em Franca-SP, que é resgatada pelo uso da História Oral.

*“Quando eu entrei na [Escola] Industrial¹², fui aluna do Sr. Antônio Ricardo de Souza Jr., famoso professor de português, a primeira vez que ele entrou na classe, mandou que cada um fizesse um pedacinho da leitura do livro, quando chegou a minha vez, assim que acabou ele falou para mim assim **“menina, você tem uma leitura excelente, uma dicção ótima”**. Na hora eu pensei **“graças a dona Sinhaninha [minha mãe] e ao Evangelho segundo o Espiritismo, que tenho um português muito lindo”**. Ela [minha mãe] estava educando para a vida, uma beleza a vida dela viu. Infelizmente Franca não se interessa, minha mãe deu o testemunho dela lá na Nova Era [Centro Espírita Esperança e Fé¹³], morreu (desencarnou) com noventa e seis anos.” (Fragmento de depoimento de Thermutes Lourenço, grifo nosso).*

Nesse depoimento, a evangelizadora Thermutes demonstra sua preocupação com o futuro de seus alunos de evangelização, por causa da falta de compromisso dos pais. É como se ela estivesse comparando os pais de seus alunos atuais com a maneira que foi educada por sua mãe.

Eu trabalho [como evangelizadora] no Meimei [Grupo Espírita Meimei] lá na Vila São Sebastião [na cidade de Franca-SP], temo dizer que tenho duas dúzias de alunos, conheço somente uma mãe. O resto não se interessa... Então o trabalho a gente faz com o máximo de carinho, na certeza que tem valor, mas não tem a eficiência que teria se tivesse uma mãe ali, interessada. (Fragmento de depoimento de Thermutes Lourenço).

¹² Escola Estadual Dr. Julio Cardoso, escola tradicional francana, vinculada à Fundação Paula Souza.

¹³ O centro espírita mais antigo da cidade de Franca.

Para Thermutes, se os pais se interessassem por seus filhos, participariam de sua educação moral, ou seja, estariam mais presentes nas aulas de evangelização, assim como sua mãe, esteve presente em sua vida e na vida de seus irmãos.

IDEALISMO E PROTAGONISMO NA MOCIDADE ESPÍRITA E NA EVANGELIZAÇÃO ESPÍRITA.

A Mocidade Espírita de Franca (MEF) é a mais antiga mocidade espírita da cidade. Foi fundada no dia 13 de maio de 1947, na época ela se chamava “*Juventude Cultural Espírita de Franca*”, e foi fundada por Thermutes e sua irmã Dima Lourenço. A Juventude Cultural Espírita era um Departamento do Grêmio Espírita de Franca¹⁴, que foi “apadrinhada” por Leopoldo Machado¹⁵ que veio a cidade especialmente para inaugurá-la.

Aos 20 anos de idade, Thermutes, lendo artigos de Leopoldo Machado, sobre a importância da criação de mocidades e juventudes espíritas, para estudar das obras de Allan Kardec; se identificou com a idéia e levou a proposta de criação de uma mocidade espírita, para o Grêmio Espírita de Franca. Na época, o Grêmio reunia as principais lideranças do movimento espírita da cidade. De imediato, ela recebeu apoio dos gremistas e em suas memórias, descreve a fundação da primeira mocidade espírita da cidade:

“Não sei se você sabe, mas a Mocidade não nasceu com esse nome [Mocidade Espírita de Franca - MEF], ela era “Juventude Cultural Espírita de Franca”, esse nome foi dado pelo Dr. Agnelo Morato, eu queria que se chamasse “Juventude Espírita José Marques Garcia”, mas o Leopoldo Machado foi contra por que vô Marques¹⁶ tinha desencarnado em 1942, ainda não tinha 5 anos que ele tinha morrido, então achou que era muita responsabilidade para um espírito recém desencarnado. Eu tive que aceitar, chorei muito, mas aceitei. Veja como desde mocinha eu era apaixonada por José Marques Garcia. (Fragmento de depoimento de Thermutes Lourenço).

¹⁴ Agremiação espírita que reunia os principais líderes espíritas das cidades.

¹⁵ Um dos grandes expoentes do movimento espírita brasileiro, foi um dos criadores do “Pacto Áureo”, acordo que criou o Conselho Federativo Nacional-CFN, da Federação Espírita Brasileira-FEB.

¹⁶ José Marques Garcia, pioneiro na história do espiritismo em Franca.

Apesar do espaço conquistado pelas mulheres no movimento espírita de Franca-SP, na década de 40, do século passado, Thermutes não se impôs, aceitando passivamente a sugestão de Agnelo Morato de trocar o nome da “Juventude Espírita José Marques Garcia”, para “Juventude Cultural Espírita de Franca”. Agnelo era um líder espírita que se tornou uma espécie de seu tutor, nas atividades espíritas. A conquista da mulher espírita, em uma cidade do interior do estado de São Paulo, em uma época em que a mulher ainda era subordinada ao homem, também pode ser entendida a partir dos princípios éticos e morais do espiritismo.

E em relação à Doutrina Espírita, qual é o papel que esta reserva às mulheres? Haveria algo semelhante a uma Teologia Feminista dentro da perspectiva espírita? Em comparação com as demais religiões conhecidas dentro da tradição judaico-cristã, ela não segue a tendência das demais em atribuir às mulheres o papel de submissão, ou relegá-las ao silêncio dentro dos locais de culto, os *centros espíritas*. É, pois, uma doutrina muito mais liberal em relação às mulheres. (BUENO, 2009, p.156).

Allan Kardec escreveu no livro “Viagem Espírita em 1862” que as mulheres seriam as valiosas companheiras do espiritismo, ao lado dos homens, secariam lágrimas e reacenderiam as esperanças, além de trabalhar mais e melhor que os homens, no campo mediúnico.

Alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1965, com 38 anos de idade, Thermutes se dedicava às aulas de evangelização infantil. Ficou sabendo da existência de um curso de evangelizadores, que era organizado pela USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo). Juntamente com sua amiga Antonieta Barini, com autorização do Grêmio Espírita, viajaram para São Paulo e fizeram o curso. Ficaram hospedadas na casa de Eliseu Rigonatti, um importante líder do movimento espírita brasileiro. Quando voltaram, organizaram o 1º Encontro de Evangelizadores Espíritas de Franca-SP, no mês de julho. Esse encontro é um dos mais antigos do estado de São Paulo e continua sendo realizado até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, percebemos que os idosos guardam lembranças que contadas, recordadas e registradas tornam-se documentos, fontes orais que ficam guardadas para a posteridade. Thermutes representa várias líderes religiosas, que iguais a ela, tiveram coragem, lutaram e chegaram à velhice com o reconhecimento de diferentes espaços sociais. Ela dedicou sua vida à educação e formação de uma cultura de paz. Thermutes, mulher de temperamento firme, fé inabalável e determinada. Ainda viva, é uma idealista que marcou a sua época.

Referências bibliográficas:

A BÍBLIA SAGRADA. Trad. em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BUENO, C. M. L. B. P. *A doutrina espírita e as mulheres*. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 3, p. 139-165, 2009.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (ogs). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
_____. *Da Diáspora. Identidades e Medições culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JUNIOR, Adolfo de Mendonça. *José Marques Garcia, pioneiro da história do Espiritismo em Franca*. In: *Pesquisas sobre o espiritismo no Brasil: textos selecionados*. São Paulo: CCDPEECM, 2009. 199p.

_____. *Espiritismo em Franca-SP: Ensaio Biográfico (1901-1986)*. II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades - Tolerância e intolerância nas manifestações religiosas, 2008, Franca-SP. Caderno de Programação e Resumos. v. 1. p. 23.

_____. *Primeiros espíritas do Brasil e pioneiros do espiritismo em Franca*. XVII Semana de História "Novas embates historiográficos", 2008, Franca-SP. Caderno de apresentação e resumos. v. 1. p. 49-49.

JURKEVICS, Vera Irene. *Crenças e vivências espíritas na cidade de Franca (1904-1980)*. Dissertação: Mestrado em História. Franca: UNESP, 1998.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Salvador Gentile. 112.ed. Araras-SP: IDE, [1857] 1997. 420p.

_____. *Obras póstumas*. Tradução de Salvador Gentile. Araras- SP: IDE, [1890] 1993a.

_____. *A Gênese*. Tradução de Salvador Gentile. Araras- SP: IDE, [1868] 1993b.

_____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Salvador Gentile. Araras- SP: IDE, [1861] 1993c. 488p.

_____. *O que é o Espiritismo*. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, [1862] 2001a. 224p.

_____. *Viagem espírita em 1862*. Tradução Wallace Leal V. Rodrigues. Matão-SP: Casa Editora O Clarim, 1981. 153p.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom (org.). (Re)introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

LANG, A. B. S. G.; JANOTTI, M. L. M. *Espiritismo progressista: pensamento e ação de Rino Curti*. São Paulo: Conex, 2005.

LARROSA, J. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MENDES N. M. M. Ritual, communitas e espetáculo religioso na marcha para Jesus em Fortaleza-CE. *Revista de ciências sociais*, v. 39, n. 2, 2008. p. 105–120.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005. 520 p. (Coleção História).

_____. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. In: *Cadernos Pagu: Fazendo história das mulheres*. Campinas (4). 1995, pp. 9-28.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho, algumas reflexões sobre a ética na história oral”. In: *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. PUC_SP, n. 15, abril de 1997.

SALVATICI, Silvia. “Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres”. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. Vol.8.n.1. jan/junho, 2005.

SGARBI, P. (2005): Para uma epistemomagia do cotidiano. In: SGARBI, P. *Avaliação pensadasentida a partir de uma epistemomagia do cotidiano*. Rio de Janeiro: UERJ. (Tese de doutorado).

TEIXEIRA, M. L. C. A formação do professor de matemática e a pesquisa em sala de aula. *Educação matemática em revista*. n. 12, p. 40-49, ano 9, 2002.

THOMPSON, Paul (1935-). *A voz do passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 388 p.

Diversidade e Diálogo: Textos completos

Anais do IX Encontro Regional Sudeste de História Oral: “Diversidade e Diálogo”

16, 17 e 18 de agosto de 2011

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

Realização:

Associação Brasileira de História Oral - Regional Sudeste

GEPHOM - Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória

Apoio:

Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Departamento de História - FFLCH-USP

Programa de Pós-Graduação em História Social - FFLCH-USP

EACH - Escola de Artes, Ciências e Humanidades

CERU - Centro de Estudos Rurais e Urbanos

CAPH - Centro de Apoio à Pesquisa Histórica